

# **O MUNDO NERD: A ANÁLISE DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NA REVISTA “MUNDO ESTRANHO”**

Maria Fabiana Medeiros de Holanda (UFRN)  
[hmfabiana@hotmail.com](mailto:hmfabiana@hotmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves(UFRN)  
[penhalves@msn.com](mailto:penhalves@msn.com)

## **1 INTRODUÇÃO**

O mercado editorial de revistas dispõe para o leitor, atualmente, um leque de publicações cujo interesse e enfoque destinam-se sempre a alimentar a curiosidade de um público-alvo. Tal segmentação do público permite à revista um mixer de artefato jornalístico capaz de satisfazer, por meio de seu estilo de texto e seleção da matéria, um público de idade e gênero diferente. Pensando nisso, a construção de título e de imagens na capa de revista, foco do nosso objeto de estudo, tem como propósito atingir e manter seu público-alvo. Para isso, o editor, em consonância com a equipe de design gráfico, irá trabalhar os recursos verbais e não-verbais que coadunam com os interesses específicos de seus leitores. Por isso, podemos nos referir a um trabalho gráfico cuja elaboração verbal e visual da revista possui um horizonte de expectativas frente ao seu leitor presumido. Dessa forma, um dos elementos de mobilização crucial para a revista é, justamente, a capa, pois, é nela que o editor terá a oportunidade de chamar atenção do seu produto para os leitores.

Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo analisar duas capas comemorativas da revista Mundo Estranho (doravante, ME). Para isso, propomos uma leitura do verbo-visual presente na mídia impressa, mas especificamente da capa da revista Mundo Estranho, edição especial de aniversário agosto 2013 e outra edição comemorativa de Março de 2014. Esse enfoque busca identificar os aspectos dialógicos e as relações dialógicas presentes nessas capas

A publicação dessa revista tem como matéria-prima as curiosidades que permeiam o mundo da cultura, como fatos históricos, comentários sobre filmes e série de TV, além disso, o foco está no tratamento da informação que será transmitida a um público jovem, cuja linguagem será compatível ao gosto dos seus leitores.

Nesse diapasão, este trabalho tem como aporte teórico os conceitos relacionados ao dialogismo, signo ideológico, enunciado concreto, gêneros discursivos e as relações dialógicas com base na teoria de Bakhtin e o Círculo, bem como de seus estudiosos como Brait (2012,2011, 2010), Faraco (2009).

## **2 TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM**

O aumento crescente dos estudos dos textos nas últimas décadas tem propiciado aos estudiosos um vasto campo de debates – um deles é representado pela teoria dos gêneros discursivos – centrado nas relações intrínsecas entre a utilização da linguagem e as atividades sociais. Nesse sentido, Bakhtin e seu círculo anteciparam-se no tempo ao

refutar a análise estruturalista da linguística saussureana, cuja análise da linguagem deve ter caráter científico. Esses teóricos, numa perspectiva inovadora, passaram a discutir a linguagem como expressão não só do sujeito, mas também do contexto social internalizado na imagem do outro numa situação de interação.

Bakhtin e o círculo estavam inseridos num contexto conturbado de revolução na Rússia e se uniram com o objetivo de (re) pensar a (língua) gem levando em conta inúmeros pontos de contato entre estudos e cultura. A partir disso, Bakhtin, Voloshinov e Medvedev empreenderam um percurso teórico por meio de diferentes áreas do conhecimento (filosofia, literatura, teoria literária, biologia, linguística dentre outras) e a partir disso, dialogaram com várias tendências as quais tinham a linguagem como ponto de referência. Fato que trouxe para as Ciências Humanas outra forma de pesquisa, essa por meio agora da linguagem. Esses teóricos, numa perspectiva inovadora, discutiram a linguagem como expressão não só do sujeito, mas também do contexto social a qual o sujeito está inserido. Com isso, Bakhtin afirma:

Por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não adquirido uma nítida expressão externa: ela irá manifestar-se na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição. (2003, 298)

A natureza dialógica do discurso apresenta como princípio nuclear o desdobramento na perspectiva discursiva da linguagem. O conceito de enunciado como manifestação dessa dialogia interna – eu e outro- não se reduz ao texto, mas volta-se para o outro na forma de atitudes responsivas.

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.(BAKHTIN, 2010, 126)

Por isso, o enunciado está sempre refletindo ou refratando ideologicamente a voz alheia, por meio de posicionamentos que garantirão particularidades próprias ao desenvolvimento interacional da comunicação humana. E isso é perceptível nas relações sociais nas quais os sujeitos estão inseridos sócio ideologicamente na e pela linguagem, uma vez que os signos se revestem de sentidos próprios, os quais são produzidos a serviço do interesse de cada grupo.

Com essa concepção, temos todas as formas de comunicação que circulam nas diversas esferas comunicativas da atividade humana, as que preenchem um formato mais ou menos estável, uma forma composicional e um estilo. Nesse sentido, os textos estão centrados na sua materialidade, os quais se voltam para os enunciados que, na concepção dialógica discursiva, mantêm um diálogo contínuo entre o eu, o outro e o contexto social. Autores como Faraco (2009) afirmam que o Círculo prezava por dois objetivos na concepção da linguagem e seus possíveis problemas. O primeiro diz respeito às objetivações da historicidade vivida, alcançadas pelos processos de abstração

típicos da razão teórica e, por último, a construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica, ou seja, da produção e dos produtos.

### **3 GÊNEROS DISCURSIVOS**

O estudo dos gêneros discursivos tomou uma grande proporção a partir do campo da Linguística Aplicada, por meio do ensino de línguas estrangeiras/materna. A partir disso, grande atenção tem sido dada às teorias de gêneros discursivos. Aqui no Brasil pudemos vivenciar essa preocupação de forma mais perceptível quando os referências nacionais de ensino de línguas, os PCN, passaram a discutir os estudos de gêneros discursivos como objeto de ensino, além de considerar as características dos gêneros, na leitura e na produção de textos. Essa preocupação deu-se pelo fato de que é impossível pensar a realização da comunicação humana, desvirtuada de formas textuais concretas que estão empiricamente no dia a dia das pessoas, tais como: Capa de revista, ofício, bula de remédio, artigo científico, resenha, resumo, etc. Toda essa lista é denominada de gêneros, conforme preconiza Bakhtin (1979) “os gêneros são padrões comunicativos socialmente global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas”.

Para a concretização desse trabalho, utilizaremos a abordagem de gêneros discursivos de Bakhtin (1992, p.279), no qual afirma que os gêneros são definidos como “formas mais ou menos estáveis de enunciados” e que é de suma importância à circulação deles na sociedade, pois, como é sabido, o gênero se realiza em texto. Nesse sentido, a diversidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos são mantidas por causa das constantes relações entre gêneros e as diversas formas de organização do discurso do Sujeito no mundo, que pode mesclá-los de acordo com a sua necessidade comunicativa intencional.

Nesse diapasão, Bakhtin (1953/1979) apresenta o gênero discursivo por meio de três dimensões essenciais e indissociáveis. A primeira diz respeito aos temas, conteúdos ideologicamente conformados, que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero; o segundo diz respeito aos elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional); por fim temos as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou estilo).

Esses três elementos são determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados, ou seja, a apreciação valorativa do enunciado vai depender do tema e dos interlocutores de seu discurso, ou seja, os enunciados não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção. Para Bakhtin/Voloshinov (1929, p. 112), “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, i.é, antes de tudo pela situação social mais imediata”.

Nesse sentido, as relações interacionais parte do foco da apreciação valorativa do locutor, e essa apreciação valorativa do locutor determinam os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do texto ou discurso.

### **4 ENUNCIADO CONCRETO**

Ligado ao aspecto do dialogismo Bakhtiniano os gêneros discursivos ganhou maior expressividade quando na década de 90 os Parâmetros Curriculares Nacionais passaram a trabalhar com os gêneros discursivos, conjuntamente com enunciado concreto. A discussão tornou-se fundamental, principalmente tanto para os professores de produção textual quanto para aqueles que trabalham com formação de professores.

De origem russa, *viskázivanie*, significa ato de enunciar, exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos etc. Esse termo já aponta para o ato concreto de uso da linguagem. Para Bakhtin, enunciado concreto se opõe a oração, pois está é uma unidade abstrata, enquanto o enunciado é considerado a unidade real da comunicação. Por isso, existem várias diferenciações para o enunciado concreto e a oração. Para o primeiro, o enunciado pressupõe uma autoria, o enunciado é uma unidade real a comunicação, o enunciado pressupõe um acabamento mais específico como o gênero discursivo a ser utilizado, a atitude responsiva do outro, a alternância dos sujeitos, a posição valorativa em relação à realidade; enquanto a oração, não pressupõe autoria, a oração é uma unidade significativa da língua, a oração possui acabamento gramatical e a oração é neutra.

Nesse contexto, o que temos é que o enunciado concreto só se realiza na interação verbal. Isso se confirma quando pensamos ser o princípio constitutivo do enunciado concreto a contraposição entre a dicotomia eu/outro. Para Bakhtin, existem três elementos responsáveis pelo enunciado concreto, são eles: a alternância dos sujeitos da comunicação, o acabamento específico do enunciado e por último a relação do enunciado com o enunciador e com os outros parceiros da comunicação. O primeiro faz menção a essa alternância por meio dos interlocutores, seja numa conversa informal, seja numa obra literária. O segundo trata do acabamento que, segundo Bakhtin se dá de três formas: o tratamento exaustivo do tema, o intuito discursivo do locutor e as formas composicionais relativamente estáveis do todo. Faz-se importante pontuar que os três fatores definidores do tratamento exaustivo serão definidos em função do gênero discursivo e da esfera de comunicação. E o último diz aos parceiros da comunicação verbal que a ponta para a composição e o estilo do enunciado que sozinho não determina a relação valorativa, pois temos que levar em consideração a relação do enunciador com os outros enunciados.

## **5 O GÊNERO CAPA DE REVISTA**

As capas de revistas estão inseridas diariamente no nosso dia a dia, seja na banca de revista, nas clínicas, na nossa casa etc. Nesse sentido, as capas fazem parte de uma corrente discursiva que visa uma função comunicativa diferenciada, uma vez que podem ser consideradas unidades enunciativas com características próprias. Esse gênero discursivo vislumbra dois objetivos primordiais: o primeiro é o de informar e o outro o de anunciar. Tais objetivos compõem-se por um conjunto de informações que busca uma informação maior.

Tendo em vista que em toda forma de comunicação temos traços que demarcam a existência de dialogismo, observa-se que a capa de revista se constitui como gênero discursivo na perspectiva bakhtiniana, pois apresenta um formato peculiar: um tema, uma forma composicional e um estilo, conforme preconiza Bakhtin:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (2003:261-262)

Nessa abordagem, a capa de revista tem um propósito bem definido com um tema que interage com as informações, as quais são articuladas à construção composicional dos signos verbo-visuais. A fim de atingir o público pretendido, a capa de revista acaba sendo o responsável por agregar um caráter publicitário à revista. Para isso, os elementos comuns apresentam chamadas referentes às temáticas sobre as matérias versadas na revista, elaboração estética das imagens e da diagramação, de que constitui o *know-how*, bem como a assinatura e o logotipo da empresa de comunicação responsável pela edição, de modo que sejam imediatamente reconhecidas como tal, pelo público leitor.

Sendo assim, a capa da revista Mundo Estranho anuncia as principais curiosidades e reportagens contida dentro do interior da revista. No entanto, na própria capa, existe uma hierarquia em relação à chamada principal da revista, uma vez que os outros assuntos ficam distribuídos em lugares estratégicos de acordo com o grau de importância. Dessa forma, esses elementos constituem um enunciado concreto em vários níveis dentre eles, o linguístico e o extralinguístico, cuja organização interna tornará a capa mais atrativa ao leitor.

Assim, o conteúdo temático, a forma de composição e o tratamento estético dado à capa representa o gênero capa de revista. Enquanto gênero discursivo, a capa apresenta uma característica prototípica que possibilita o seu reconhecimento imediato como tal. Além disso, Bakhtin (2003) afirma que todo enunciado é igualmente determinado pela especificidade de um determinado campo de comunicação, ou seja, cada enunciado é particular e individual no seu campo de atuação. E é essa individualidade que tornará a revista reconhecida no mercado editorial e entre os leitores.

## **6 ANÁLISE DO CORPUS**

A revista Mundo Estranho (ME) tem treze anos num mercado editorial diferenciado e competitivo, com mais de 150 edições publicadas. Surgiu em 2001 como uma edição da SUPERINTERESSANTE que reuniu o que de melhor a revista publicava na seção Superintrigante. É uma das cinquenta revistas da editora Abril e trata de assuntos diversos, de “pura física quântica”, conforme afirma Patrícia Hargeaves, diretora de redação, no editorial da edição especial número 150. Tendo um público bastante heterogêneo, reunindo homens e mulheres, de uma larga faixa etária (pré-adolescentes a adultos), de modo geral, interessados em curiosidades abordadas a partir de um enfoque científico. Os leitores da ME ocupam classes sociais mais abastadas, de média a alta, tendo em vista o custo financeiro da revista (R\$ 11,00) e

também os conhecimentos científico e cultural que a revista pressupõe dos seus consumidores. Tal inferência confirma-se pelo fato de que o consumo desse gênero de revista se dá por um público mais seletivo, que lê não apenas para informa-se, mas para entreter-se com um conteúdo culturalmente valorizado.

Para efeito de análise, foram selecionadas duas capas comemorativas. A primeira é a edição, 142 de agosto de 2013 e a segunda é a edição especial 150, de março de 2014. A capa de revista é considerada um gênero discursivo secundário e tem a elaboração complexa e, isso torna o processo de criação um grande desafio para a equipe envolvida na elaboração dela, uma vez que a capa sendo constitutiva de um enunciado concreto, na perspectiva bakhtiniana, trará um posicionamento e ideologia determinada.



Inicialmente, percebemos na capa dessa edição uma referência a um dos símbolos do capitalismo, o dólar americano. Partindo desse pressuposto a imagem foi elaborada a manter o dialogismo em vários níveis, uma vez que a imagem busca fazer uma interação entre a linguagem verbal e visual a fim de informar ao seu público leitor sobre a reportagem chave da revista. A imagem exposta na capa faz referência à nota de um dólar dos Estados Unidos cuja imagem é a do presidente, George Washinton. Há mais de um século, a simbologia da cédula é fonte de discussão e mistério. Dentre as teorias discutidas algumas apontam evidências, as quais ligam seu design à história da fundação do país. Além disso, há também quem acredite que tudo ali

tem fundamento na maçonaria, a sociedade secreta da qual fizeram parte 14 dos 44 presidentes americanos. Nesse caso, essa interação verbo-visual se configura como sendo de extrema importância, pois o título principal “MALDIÇÕES DO DINHEIRO” articulado com a imagem da nota de um dólar americano busca recuperar no cliente/consumidor acontecimentos ligados à história. Além disso, temos uma menção aos piratas que navegavam por rotas comerciais e tinha como objetivo furtar riquezas alheias pertencentes a mercadores, navios do estado ou povoações e mesmo cidades costeiras, capturando tudo o que tivesse valor desde metais e pedras preciosas a bens e fazendo reféns, para extorquir resgates.



Já essa edição (mostrada ao lado) constitui-se por uma colagem com uma superposição de três capas, cada qual corresponde a uma matéria de capa: 50 ideias estúpidas, 50 mistérios da ciência e 50 vilões da história. Além disso, a capa da revista traz a chamada de outras 4 matérias: As viagens dos vikings até a América; Medo! Um cadáver pode se mexer; Cristo Redentor x Estátua da Liberdade; como é um formigueiro por dentro?. Dessa forma, a capa da revista se adequa ao propósito comunicativo desse suporte por apresentar uma diversidade de temas, ideias, ciência e história, recorrentes na revista e

valorizados por seus leitores, abordados sob um ponto de vista peculiar.

No enunciado expresso na capa, visivelmente trabalhada com uma colagem de superposição de capa criando uma figura híbrida com a frente de um asno, olhos de um ET e o busto do ditador alemão Hitler. Essa superposição é feita quando a divisão da capa se apresenta em três partes cada um remetendo a um dialogismo com outros enunciados. A primeira parte da capa se relaciona com a matéria 50 ideias estúpidas, isso remete ao olhar divertido da revista. A segunda faz menção à matéria 50 mistérios da Ciência, cujo olhar remete ao teor científico e inusitado com o qual a revista aborda os seus temas. A última figura, que se relaciona à matéria 50 vilões da História, remete ao aspecto cultural que a revista agrega aos seus temas. De um modo geral, a imagem híbrida criada na capa da revista representa o próprio perfil estilístico e ideológico da ME, ou seja, seu ethos discursivo.

Nesse sentido, as fotos cuja superposição representa uma figura pública no dia a dia das pessoas, foram substituídas por uma intervenção artística, com auxílio do Photoshop. Essa superposição de imagem só é possível devido ao avanço da tecnologia, pois a equipe de designer gráfica da revista buscou com essa superposição um propósito comunicativo. As três figuras parecem dialogar com a proposta da revista e isso é perceptível já na escolha dos tons fortes e letras claras. Diante do verbo-visual da capa analisada, temos um sinal de uma folha rasgando entre a primeira e segunda imagem. O único olhar visível é o da segunda imagem, na qual traz o olhar de um ET (o que culturalmente reconhecemos como ET). Além disso, não há um plano de fundo bem definido, haja vista que cada parte da capa irá privilegiar para cada contexto uma cor específica.

Desse modo, as imagens que se apresentam de forma separadas acabam por juntas formarem um enunciado concreto que dependendo do leitor terá um sucesso maior do que outro, haja vista que cada um desses fragmentos se constitui por fazer menção a um determinado objeto/personalidade da vida real. Sob essa perspectiva, o leitor ao se deparar com essa capa de revista de uma forma ou de outra, terá a sua curiosidade aguçada, uma vez que a capa da revista em convergência com o nome dela, já faz uma menção as temáticas de conteúdos mais ligados à curiosidade e a informatividade.

Por fim, temos um enunciado que conduz o leitor por meio do próprio nome da revista – Mundo Estranho – numa viagem de expectativa frente a uma heterogeneidade de temas que circundam a nossa sociedade, mas que está longe de ser mostrada por outras revistas de circulação nacional e internacional. Assim, ao nominalizar a revista como Mundo Estranho à afirmação se confirmará no próprio enunciado da revista com suas temáticas de cunho mais científico. Nesse sentido, o enunciado passa a ser compartilhado pelo enunciador e enunciatário, visto que ambos passam a comprar a ideia que a revista quer vender.

Assim, a capa da revista ME apresenta um conteúdo temático bem definido extraído de assuntos em pauta pela revista, forma de composição e um tratamento estético que caracteriza a capa como sendo um gênero discursivo.

## **7 CONCLUSÃO**

De forma geral, os meios de comunicação exploram os aspectos do verbo-visual na transmissão e propagação de informações ao leitor, fomentando a constituição do enunciado, seja pra vender algum produto, conscientizar, orientar, dentre outros. Nesse sentido, as capas entendidas como gênero que dialogam com enunciados concretos não

servem apenas para simples decodificação de signos linguísticos, mas procura relacionar as relações socio-históricas e conseqüentemente aos interesses mercadológicos das empresas, tanto nos aspectos publicitários bem como dos valores propagados pela instituição. Além disso, podemos perceber o quanto as duas edições passam por um tratamento peculiar do ponto de vista artístico, sem perder a configuração genérica que identifica a revista ao seu público, como por exemplo: o nome da revista no alto da página, títulos e subtítulos, além da imagem (modificada com algum programa de edição de fotografia). A capa compõe um enunciado, único, individual e irrepetível, conforme preconiza Bakhtin.

Na contemporaneidade, observamos a valorização do que se denomina “cultura nerd”. Esse grupo, anteriormente, era muito estigmatizado como uma figura frágil em ambiente escolar, pouco popular e infantilizado por seu interesse em ficção científica e de aventura, games etc. Atualmente, o nerd é visto como uma figura que maior potencialidade de ser bem sucedida na fase adulta, por apresentar maior grau de instrução, fruto de seu bom desempenho escolar, e um maior horizonte cultural. Por isso, a revista ME dialoga com esse contexto de valorização de um diversificado conhecimento cultural, advindo inclusive de quadrinhos, sagas literárias, filmes, séries e games, que vão além do conhecimento institucionalizado, complementares, nesse sentido, a um bom desempenho escolar e acadêmico.



## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) Marxismo e filosofia da linguagem. ( Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira)12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. (Trad. do francês Paulo Bezerra). 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARINA, M. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blucher, 1986.

GUIMARÃES, L. A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2004.

JOLY, M. Introdução à análise da imagem. Campinas-SP: Parábola, 1996.